

Antônio Carlos Magalhães critica poder excessivo da equipe de Zélia

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — O Governador eleito da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, desfechou ontem críticas contra o poder centralizador da Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e de sua equipe. Segundo ele, o poder excessivo de Zélia pode ser medido pelo fato de que ela e seus auxiliares passaram a nomear os ocupantes para todos os cargos que vagam no Governo.

— Ela e sua equipe é que determinam quem deve ou não deve ocupar os cargos. Eu só espero e acredito que eles não queiram mexer também nos comandos militares — ironiza Antônio Carlos.

Ele acusou os outros Ministros de serem responsáveis pelo grande espaço que Zélia e sua equipe vêm conquistando dentro do Governo — estendendo seus tentáculos a áreas que não são da sua competência, como a Embraer —, porque nenhum deles reage. O Governador eleito, no entanto, reconheceu a competência da Ministra e destacou em sua equipe a atuação do Presidente do Banco Central, Ibrahim Eris.

Insinuante, Antônio Carlos Magalhães, ao fazer uma análise dos partidos e de seus quadros, destacou no PSDB a figura do Deputado e economista José Serra (SP), cujo nome é sempre citado, quando se fala na eventual saída de Zélia:

— O José Serra é um economista muito competente. Esse homem tem futuro.

Ferino, Antônio Carlos, ao ressaltar que cabe exclusivamente



Antônio Carlos Magalhães acha Collor certo, mas acredita que o Presidente precisa ser mais forte na área política

ao Presidente Collor escolher seus auxiliares, faz uma constatação:

— O Governo está precisando de uma boa equipe.

Mas Antônio Carlos não limita suas farpas apenas à Ministra da Economia. Com sua metralhadora giratória, ele atinge a maioria dos políticos. É implacável com o Presidente do PMDB, Ulysses

Guimarães, mas elogia o Governador de São Paulo, Orestes Quéricia, em quem reconhece que, na época oportuna, será um dos mais fortes candidatos à sucessão do Presidente Collor.

Coincidentemente, ainda que suas críticas ao Governo sejam feitas de forma velada, o discurso de Antônio Carlos é muito parecido com o de Quéricia, princi-

palmente quando defende que Collor deve dedicar mais tempo aos contatos políticos e, como o Governador de São Paulo, avverte que, sem uma política desenvolvimentista, o Governo pode se perder no processo de recessão econômica.

A seguir, os principais pontos da entrevista do Governador Antônio Carlos Magalhães:

‘O Presidente Collor tem carisma e vencerá a crise’

■ **RECESSÃO** — Seria ingênuo pensar que um combate que é indispensável à inflação não venha a promover uma recessão, que será maior ou menor, de acordo com a dose de remédio aplicado pelas autoridades econômicas. O que o Governo não pode ter como meta exclusiva é o combate à inflação. Ao lado disso, o Governo tem de priorizar metas que levem ao desenvolvimento, sobretudo para que a população aceite as duras medidas que o combate à inflação requer. A atitude do Presidente Collor é correta, mas seus auxiliares da área econômica têm de ver que só o Governo forte popularmente pode tomar as medidas indispensáveis na luta contra a inflação.

■ **ZÉLIA** — Tenho a maior admiração pela Ministra Zélia e seus colaboradores. Entretanto, isso não me leva à cegueira de aceitar tudo o que eles desejam. Por exemplo: qualquer cargo, hoje, que se vague no Brasil é preenchido pelos membros da equipe econômica da Ministra. Será que isso está certo? Será que todo o quadro administrativo brasileiro se resume à equipe da Ministra Zélia? Vejam o caso da Embraer, que é do Ministério da Aeronáutica. Tudo isso ocorre por falta de reação de outros membros da equipe. Eu acredito — e espero — que eles não queiram mexer nos comandos militares. Reconheço a competência da equipe. É preciso salientar que são pessoas capacitadas, como no Banco Central.

■ **COLLOR** — O Presidente tem feito um grande esforço. Apesar de a situação econômica não ser das melhores, ele vencerá a crise. Ele tem carisma. Tem boa presença na mídia. Mas tem de ser ajudado pelos seus auxiliares e desenvolver um amplo trabalho com a classe política. Não é que deva atender ao fisiologismo de alguns, mas tem de dedicar parte de seu tempo a ouvir os parlamentares, o Congresso, até porque deve utilizar o seu poder de persuasão, que é muito grande. Esta legislatura está no fim. Mas, a partir de fevereiro, deve surgir um novo quadro de lideranças do Governo no Congresso. Ninguém poderá ficar ofendido com as modificações, naturais em um Congresso que se renova em 60%.

■ **REFORMA MINISTERIAL** — Cabe exclusivamente ao Presidente Collor escolher os componentes do Ministério. Mas, como o Presidente é um político hábil — se não fosse, não seria Presidente —, é lógico que, na formação do Ministério e no preenchimento de cargos, levará em conta uma nova realidade política. O importante é que ele

‘Qualquer cargo vago é preenchido pela equipe econômica da Zélia. Acredito e espero que ela não queira mexer nos comandos militares’

deve governar com os melhores, sejam quais forem, porque o Brasil está necessitando de uma grande equipe. Não sou contra nem a favor de qualquer nome. É problema do Presidente.

■ **PFL** — Saiu vitorioso no pleito, pois, além de eleger senadores e nove governadores, manteve praticamente a mesma bancada no Congresso, o que não ocorreu com o PMDB. Não estou satisfeito com toda a atuação do PFL e, se não quero nem devo ser um dos donos do partido, porque ele não pode ter dono, não posso admitir também que determinadas figuras — como Marco Maciel — queiram se perpetuar. Espero que o Presidente Hugo Napoleão, que é leal e foi um vitorioso, reúna o partido para que nos fortaleçamos através de uma verdadeira união e também para que falemos de erros e acertos.

■ **SUCESSÃO PRESIDENCIAL** — É natural que haja aspirações, sobretudo dos que venceram as eleições. Entretanto, nenhum candidato resiste a quatro anos de campanha e não é patriótico, quando o País se debate com problemas difíceis, que se entre em um debate político que está muito distante. Como se debater a sucessão, sem se saber qual o regime que vai vigorar em 94?

■ **QUÉRCIA** — É um político hábil, competente. Não é do meu partido, embora tenha sido apoiado pelo PFL de São Paulo. Quéricia certamente surgirá, na época oportuna, como um dos mais fortes e favoráveis candidatos à sucessão de Collor.

■ **BRIZOLA E PDT** — Brizola e eu somos adversários de muito tempo. Entretanto, não se pode negar sua perseverança em perseguir seus objetivos. Nem sempre os consegue; mas luta. Quanto ao PDT, não se pode fazer uma análise correta, porque Brizola não permite a ascensão de seus liderados. Mas, se tem uma

figura menor como Brandão Monteiro, tem uma nacional: o Deputado César Maia.

■ **SARNEY** — Foi premiado antes dos prazos normais para aqueles que deixam o poder. Ganhou no Maranhão. Vários amigos seus foram eleitos e pude ver o carinho que recebeu na Bahia e em São Del Rei.

■ **PSDB** — É um partido que, inegavelmente, tem boas figuras e, como é natural, tem péssimas. Mas obteve uma boa vitória no Ceará e a seção baiana tem figuras como Mário Covas, a quem admiro muito. Mas vejo surgir como estrelas maiores dos tucanos o Deputado José Serra e o Senador Fernando Henrique Cardoso. Como o Brasil vive uma fase na qual a economia é o ponto principal, o Deputado José Serra desponta como uma figura importante.

■ **ULYSSES GUIMARÃES** — Só foi eleito Presidente da Câmara porque o Tancredo me pediu e, como eu não negava nada ao Tancredo, por ele — e apenas por ele —, elegi o Doutor Ulysses. Eu acho que o Doutor Ulysses não devia insistir em ser de novo candidato à Presidência da Câmara. Se o povo não o quis para Presidente da República, por que a Câmara vai desafiar a vontade popular, elegendo-o seu Presidente? Os representantes do povo estão no Congresso para atender à sua vontade. E o povo já repeliu o Doutor Ulysses. Será que os deputados vão querer ficar contra a vontade popular? Mas esse Congresso, às vezes, toma posição contra o povo e eu não estranharia mais uma. Particularmente, não tenho nada contra o Doutor Ulysses. Ele é um homem solitário. Seus amigos todos que estão no Congresso o traíram. O Sarney evitou que o Renato Archer entrasse no rol dos parlamentares traidores do Doutor Ulysses porque, em boa hora, o derrotou. E Ulysses ainda ficou contra o Sarney na campanha e, agora, Sarney lhe

presta o favor de evitar que se decepcionasse com Archer. Eu até gosto do Doutor Ulysses, mas ele só tem uma pessoa que está o tempo todo ao seu lado, que é essa senhora admirável, de uma força impressionante, que é Dona Mora Guimarães, digna de todo o respeito e admiração até dos adversários do seu marido.

■ **HÉLIO GARCIA** — É uma pessoa interessante, ímpar. Seu estilo é único na política brasileira e tem dado certo. O Hélio Garcia é um político capaz e, como um bom político, sabe onde as cobras dormem.

■ **ALIANÇAS** (Sobre a possibilidade de aliança entre os que detêm as maiores bancadas individuais no Congresso: ele, Quéricia, Sarney e Brizola) — Em política, tudo é possível. Não há mais alinhamento incondicional, no Governo ou na Oposição. Tenho a segurança de que, no caso dos problemas maiores, o Presidente Collor terá o apoio até dos adversários, porque, a cada eleição, fica provado que a oposição sistemática leva à derrota.

■ **NORDESTE** — Os relatórios demonstram que a situação do Nordeste se agrava principalmente em relação ao Sudeste. Todas as vezes em que um governador ou empresário procura reforçar a estrutura industrial ou agrícola, encontra as dificuldades naturais e as criadas pela falta de apoio do poder público. É óbvio que, se não forem adotadas pelo Governo medidas políticas que levem à desconcentração do parque industrial e ao apoio mais decidido à agricultura, a situação vai chegar, ou melhor, já está chegando, ao limite do insuportável. Ninguém pode ser contra São Paulo, Rio e outros Estados do Sudeste, mas ninguém pode permitir também que perca a política de só ajudar esses Estados, em detrimento da região mais sofrida. Não fica fácil, sem a união política do Nordeste, mudar o quadro. Portanto, a União deve passar da teoria à prática: ou os políticos nordestinos se conscientizem dessa realidade ou ficarão com a responsabilidade de permitir o atraso da região. E tudo isso vai se refletir um dia nas urnas. Agora, as reivindicações do Nordeste devem se basear num programa econômico, realista, levando em conta o essencial, o indispensável à manutenção do Plano Collor, e indicar às autoridades econômicas e ao Congresso as alternativas para modificar o quadro. Os políticos nordestinos terão de recorrer imediatamente aos economistas que queiram salvar a região e travar o grande debate nacional sobre sua solução.

‘O Governo não pode ter como meta exclusiva apenas o combate à inflação. Tem de priorizar metas que levem ao desenvolvimento’